

Mediações leitoras e serviços de extensão em bibliotecas como estratégias de desenvolvimento cultural com o público infantil

Reading mediations and extension services in libraries as cultural development strategies with children

Alessandro Rasteli

Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Dramaturgo e escritor de literatura infantil.

alessandrorasteli@yahoo.com.br

RESUMO

Discute sobre as mediações leitoras e os serviços de extensão em bibliotecas como estratégias para a formação do leitor e de desenvolvimento cultural com o público infantil. Para alcançar tal objetivo, propôs-se discutir sobre as narrativas orais como estratégias de mediação infantil e o incentivo à leitura nos serviços de extensão do *Bibliobus Mèdiathèque* da *Université Populaire Jurassienne*, localizada na cidade de *Délemont*, Suíça, destacando-se também as mediações leitoras frente à pandemia causada pela Covid-19. A metodologia consiste em pesquisa qualitativa, utilizando-se do método bibliográfico e descritivo para a consecução dos objetivos. Este estudo foi pensado para instigar e motivar bibliotecários no desenvolvimento de mediações leitoras enfatizando-se as narrativas orais e os serviços de extensão como estratégias de desenvolvimento cultural com o público infantil. Mediar cultura através de palavra oral, dos livros, dos serviços de extensão, faz ampliar o contato e a interação de todos os envolvidos, aproximando-os das informações, da arte, da cultura e do conhecimento em direção ao desenvolvimento cultural e das potencialidades humanas.

Palavras-chave: Mediação da leitura. Mediação da leitura – crianças. Serviços de extensão – Corona vírus. *Bibliobus Mèdiathèque*.

ABSTRACT

It discusses reader mediations and extension services in libraries as strategies for reader training and cultural development with children. To achieve this goal, it was proposed to discuss oral narratives as child mediation strategies and encourage reading in the extension services of the *Bibliobus Mèdiathèque* of the *Université Populaire Jurassienne*, located in the city of *Délemont*, Switzerland, also highlighting the reader mediations against the pandemic caused by Covid-19. The methodology consists of qualitative research, using the bibliographic and descriptive method to achieve the objectives. This study was designed to instigate and motivate librarians in the development of reading mediations, emphasizing oral narratives and extension services as cultural development strategies with children. Mediating culture through oral words, books, extension services, expands the contact and interaction of all those involved, bringing them closer to information, art, culture and knowledge towards cultural development and human potential.

Keywords: Mediation of reading. Reading mediation - children. Extension services – Coronavirus. *Bibliobus Mèdiathèque*.

1 INTRODUÇÃO

Quando éramos pequenos, a minha avó contava histórias para nós.
Eram contos surpreendentes, com personagens maravilhosos, lúdicos e fascinantes.
As histórias transmitidas por seus ancestrais pareciam se materializar na sua voz com sotaque italiano caipira. Até hoje aquelas histórias povoam nossas memórias afetivas.
Como gostaria de ouvir aqueles contos novamente.
Sempre, eu e meus irmãos pedíamos a ela que recontasse todas aquelas histórias que já sabíamos de cor,
“Conte de novo, conte outra vez”, pedíamos insistentemente.
Então, mais uma vez ela começava: “Era uma vez...”.
(Relato do autor).

A epígrafe serve para ilustrar que impressões, lembranças e experiências vivenciadas na infância nos acompanham pela vida adulta. “Nas memórias de infância de todos nós, as viagens se fazem presentes: reais ou imaginárias, de verdade ou vividas nos jogos simbólicos, viajamos...” (MARTINS, 2012, p. 9). As memórias afetivas nos remetem a momentos significativos envolvendo pessoas, acontecimentos, lugares, livros, músicas, filmes ou uma história vivida, ouvida ou contada.

No aspecto da oralidade, destaca-se que não existiu sociedade que não tivesse a necessidade de fabular, de inventar ou de construir seus mitos e imaginário. Na ancestralidade, através das narrativas orais, a humanidade comunicava-se transmitindo e preservando a memória cultural, buscando sentido para a vida e fortalecendo as interações e os laços sociais.

Diversos autores atestam os benefícios da oralidade no período infantil, como Maciel (2008) ao mencionar que a arte de contar histórias pode levar a criança a encantamentos, às experiências artísticas, à fruição estética, levando também ao despertar do interesse pela leitura por prazer.

Monteiro (2010) avalia que a formação do leitor depende de seus contatos anteriores com a leitura. Ao entrarem para o ensino fundamental algumas crianças já apresentam uma vivência com diversificados gêneros textuais, o que facilitará o trabalho pedagógico do educador para a construção das práticas de leitura.

Em complemento à escola, as bibliotecas possuem a missão de desenvolver estratégias de leitura e escrita com o público infantil, objetivando-se o acesso a cultura e ao lazer, criando e fortalecendo, de acordo com a IFLA/UNESCO (1994) os hábitos de leitura desde a primeira infância.

Camilo e Castro Filho (2021) reiteram essa ideia afirmando que o bibliotecário é um

importante profissional para as atividades de cultura e educação, contribuindo significativamente no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes, quer sejam crianças, jovens ou adultos.

Cagliari (2009) destaca que a leitura é a extensão da escola na vida das pessoas, já que a maioria dos conhecimentos a ser adquirido fora da escola será mediado pela leitura.

Desse modo, as competências em torno da leitura e escrita são na atualidade ferramentas decisivas para que os atores sociais possam desenvolver de maneira plena seus potenciais linguísticos e culturais (RASTELI, 2013).

A avaliação Retratos da Leitura (2020) demonstrou que quase a metade dos brasileiros (52%) não tem acesso ao direito à leitura. Esse distanciamento da leitura e escrita reflete, por exemplo, nas dificuldades encontradas pelos sujeitos em comunicar-se nas redes sociais, encontrando-se, nas postagens, diversos erros gramaticais de concordância e de grafia, tornando-se difícil e incompreensível a interpretação das mensagens, o que gera ruídos nos fluxos de comunicação. Ceccantini (2009) também analisa que grandes faixas da população permanecem numa posição periférica em relação à leitura.

Essa dimensão pode agravar-se perante as declarações do Presidente da República Jair Messias Bolsonaro afirmando que os livros didáticos contêm muita coisa escrita, momento em que teceu também críticas ao educador Paulo Freire¹. A gestão do atual Presidente da República marca retrocessos e desmantelamento das políticas públicas para o livro, leitura e bibliotecas, mergulhando o país em instabilidades em torno de desenvolvimentos educacionais e culturais. O Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) instituído em 2006, com objetivos de elaboração de programas, projetos e metas para impulsionar políticas de fomento à leitura, foi interrompido em janeiro de 2019 pela extinção do Ministério da Cultura, onde encontrava-se toda a estrutura pública do livro e leitura.

González, Plasencia e Quián (2019) destacam que especialistas da área da linguagem, literatura e educação observam com profunda preocupação o alarmante crescimento de problemas ortográficos na escrita, não só em alunos de diferentes níveis de escolaridade, mas também em pessoas das mais variadas profissões e origens

¹Declaração do presidente Jair M. Bolsonaro. Bolsonaro diz que livros didáticos têm “muita coisa escrita”. Disponível em: <https://exame.com/brasil/bolsonaro-diz-que-livros-didaticos-tem-muita-coisa-escrita/>.

socioculturais.

Bortoni-Ricardo et al. (2012) também alertam que estudantes provenientes de grupos minoritários ou em desvantagens econômico-social enfrentam dificuldades para acompanhar os currículos escolares em todas as disciplinas.

A pesquisa sobre práticas de leitura de crianças em fase de alfabetização fora do ambiente escolar realizada por Picolli e Dalla Zen (2020) averiguou uma diminutiva familiaridade das crianças pertencentes às camadas populares com a leitura e escrita, atribuída à ausência de livros e material escrito.

Esse embate cultural no acesso ao livro impresso pode intensificar-se quando a reforma tributária pretendida pelo governo de Jair M. Bolsonaro pode tornar os livros mais caros, tributando-os em alíquota de (12%). Hoje o mercado de livro no Brasil é protegido pela Constituição na isenção de impostos (art. 150), juntamente com a lei 10.865 de 2004, período em que Luiz Inácio Lula da Silva governou o país, garantindo-se ao livro a isenção de taxas Cofins e PIS/Pasep.²

De acordo com a *International Publisher Association*³, os livros têm tributação zero na maioria dos países da América do Sul, a exemplo da Argentina, Colômbia, Bolívia, Peru e Uruguai. Destaca-se que a imunidade tributária dos livros tende a democratizar a cultura escrita, incentivar a disseminação da leitura, cuja proposta apresenta-se como relevante estratégia em países com baixos índices nesse quesito, como é o caso brasileiro. Caso a reforma seja aprovada, o retrocesso refletirá em publicações de livros pelas pequenas editoras e, sobretudo, manterá os brasileiros de baixa renda à margem da cultura escrita, fortalecendo os índices de analfabetismo funcional.

As fragilidades e deficiências destacadas, sejam no contexto da ortografia, da ausência de leitura, do acesso ao livro e de políticas públicas, requerem abordagens e estratégias dos profissionais da educação, a exemplo dos bibliotecários, na contribuição do desenvolvimento da leitura e de ações para a apropriação da cultura oral e escrita.

Mediante esses pressupostos, o objetivo do trabalho está em refletir sobre as mediações leitoras e os serviços de extensão em bibliotecas como estratégias para a formação do leitor e de desenvolvimento cultural com o público infantil.

Para alcançar tal objetivo, propôs-se discutir sobre as narrativas orais como estratégias de mediação infantil e o incentivo à leitura nos serviços de extensão do

² Lei Nº 10.865, de 30 de abril de 2004. Disponível em:

<http://www.normaslegais.com.br/legislacao/tributario/lei10865.htm>

³ International Publishers Association (IPA). Disponível em: <https://www.internationalpublishers.org/>.

Bibliobus Mèdiathèque da *Université Populaire Jurassienne*, localizada na cidade de *Délemont*, Suíça, destacando-se também as mediações leitoras frente à pandemia causada pela Covid-19.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Pesquisa qualitativa, utilizando-se do método bibliográfico e descritivo para a consecução dos objetivos. A partir do levantamento bibliográfico tornou-se possível reunir elementos para a análise, interpretação e descrição dos assuntos abordados.

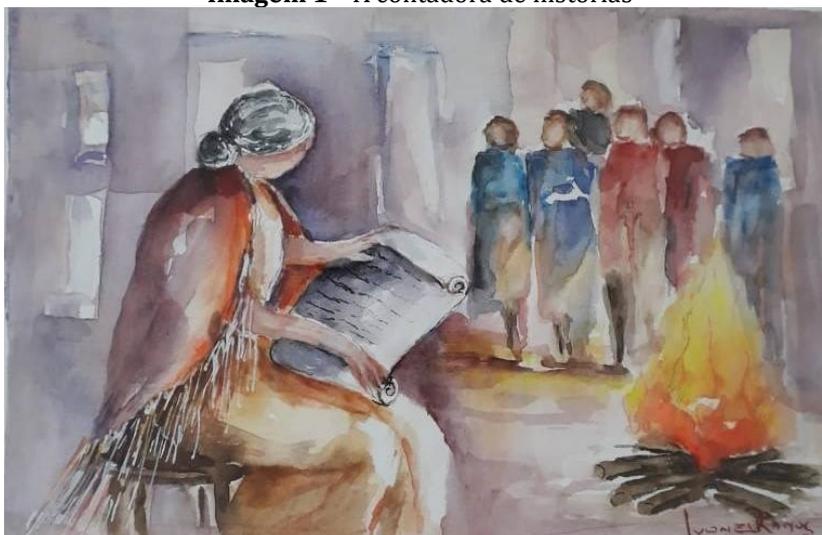
No diálogo com os autores selecionados, buscou-se o protagonismo de Clarice Lispector em seu conto “Felicidade clandestina” para refletir em motivações dos bibliotecários no desenvolvimento das mediações leitoras.

Descreve-se também as características e os serviços de extensão oferecidos pelo “*Bibliobus Mèdiathèque*” (Biblioteca móvel de mídia) da *Université Populaire Jurassienne*, localizada na Suíça. Os dados foram coletados no período de abril de 2021 no site “*Bibliobus Mèdiathèque*”⁴.

3 NARRATIVAS ORAIS COMO ESTRATÉGIAS DE MEDIAÇÃO INFANTIL

Transmitidas de geração em geração, as narrativas orais sempre estiveram presentes nas sociedades antigas.

Imagem 1 – A contadora de histórias



Fonte: Acervo pessoal (2018).

⁴ Bibliobus Mèdiathèque. Disponível em: <https://www.bibliobus.ch/fr/index.html>

Descrição da imagem: Pintura feita em aquarela e papel da artista plástica Ivone Oliveira Ramos (2018). A obra retrata várias pessoas ao redor de uma fogueira e de uma velha contadora de histórias segurando um pergaminho.

Os narradores tiveram um papel essencial nos processos de comunicação quando a ênfase era a oralidade, para a transmissão de conhecimentos, preservação do patrimônio cultural e manutenção da memória coletiva. Ao redor de fogueiras, os antepassados reuniam-se à noite para ouvir as histórias dos mais velhos, em momentos de interação e de conservação do laço social.

No resgate a trajetória das portadoras da voz, Warner (1999) traça seu movimento desde a tecelã, a feiticeira, a velha mexeriqueira, a literata. No destaque ao papel ímpar das vozes femininas na sociedade, Warner (1999) ainda recupera a tradição da Sibila, profetisa do oráculo no templo de Apolo, que, diante da expansão da cristandade, esconde-se em uma gruta para praticar suas artes mágicas, uma delas, a de contar histórias de fadas.

Zumthor (1993, p. 56) destaca o papel social dos jograis que têm “sua longínqua origem na tradição dos cantores germânicos, a qual se confunde com a dos músicos e atores da antiguidade romana”. Atuando como cantores, intérpretes de poesias, contadores de histórias ou leitores, pronunciavam “uma palavra necessária à manutenção do laço social, sustentando e nutrindo o imaginário e confirmando os mitos”, revestidos de “uma autoridade particular, embora não claramente distinta daquela que assume o discurso do juiz, do pregador, do sábio” (ZUMTHOR, 1993, p. 67).

Através dos jograis a palavra poética era vocalmente transmitida, “reatualizada, reescutada, mais e melhor do que teria podido a escrita” e favorecia “a migração de mitos, de temas narrativos, de formas de linguagem, de estilos, de modas, sobre áreas às vezes imensas”. Os jograis afetaram “profundamente a sensibilidade e as capacidades inventivas de populações, que, de outro modo, nada teria aproximado”. (ZUMTHOR, 1993, p. 71).

Para Bajard (2007), a tradição da voz alta é antiga. Depois da Reforma ela já era freqüente na Europa entre as famílias protestantes, nas quais o patriarca proferia textos sagrados da Bíblia durante a noite. No Brasil, no século XIX, letrados reuniam-se em saraus para ouvirem os poemas dos próprios autores. “A prática de narrar, fundamento da educação de qualquer humano, pertence a todas as culturas” (BAJARD, 2007, p. 26).

No Brasilcolônia, Arroyo (1988) descreve que o menino colonial contava com

muitas estórias, mercê da interação oral pela confluência das três correntes culturais: europeia, indígena e africana.

Cecília Meireles aponta que “não se pode pensar numa infância a começar logo com gramática e retórica: narrativas orais cercam a criança da Antiguidade, como as de hoje”. Assim, “mitos, fábulas, lendas, teogonias, aventuras, poesia, teatro, festas populares, jogos, representações várias” ocuparam, “no passado, o lugar que hoje concedemos ao livro infantil”. E acrescenta: “quase se lamenta menos a criança de outrora, sem leituras especializadas, que as de hoje, sem os contadores de histórias” (MEIRELES, 1984, p. 55).

Na atualidade, diferentemente dos antigos contadores, que recolham seus repertórios das histórias dos mais velhos, os contadores acrescentaram à tradição oral os materiais bibliográficos impressos, como é o caso de professores e bibliotecários que assumiram a mediação como uma atividade educativa complementar para a formação cultural e leitora de crianças.

Abramovich (2001) destaca o quão importante é para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias, pois pode representar o início de aprendizagem para tornarem-se leitores.

Apesar dessa ponderação, Araújo (2009) constata que a literatura, sob a forma de narrativas orais, mesmo considerando-se o fascínio que estas geram, ainda não é explorada em toda a sua potencialidade na educação infantil.

Apesar disso, nas esferas das bibliotecas, Abreu e Dumont (2021) destacam um maior número de trabalhos na literatura direcionados ao mediador da leitura, principalmente aos bibliotecários atuantes em bibliotecas escolares e públicas.

A mediação da leitura como processo na construção do conhecimento contempla nas narrativas orais possibilidades para viabilizar a apropriação dos diversos elementos formadores da cultura (língua, leitura e escrita) em contextos de interação e socialização da criança.

Nesse aspecto, construir significados na interação social pauta-se na perspectiva sócio interacionista de Vygotsky (1993), cujo desenvolvimento infantil se dá através da mediação (pelos signos e pelo outro) em situações de dinâmicas interativas. Dessa maneira, as contações de histórias possibilitariam a construção de significados nas interações, onde as crianças estabelecem relações com os objetos de conhecimento.

Smolka e Góes (1997, p. 10) explicam que em contextos culturais “e participando de práticas sociais historicamente constituídas, a criança vai incorporando, ativamente,

formas de ação já consolidadas na experiência humana”.

Evidencia-se que as narrativas orais podem fazer parte de processos na construção de conhecimento realizadas pelas inúmeras formas de mediação, destacando-se a mediação do bibliotecário, permitindo a construção partilhada, a construção de significados e, conseqüentemente de apropriação cultural.

4 O BIBLIOTECÁRIO E A ARTE DE MEDIAR HISTÓRIAS

Em “Felicidade clandestina”⁵, Clarice Lispector narra de forma autobiográfica a sua experiência de infância na busca do livro “Reinações de Narizinho”, de Monteiro Lobato, com primeira edição de 1931.

Sem recursos financeiros para dispor da obra literária, Clarice lança-se numa incansável idas e vindas pelas ruas de Recife onde morava uma menina, filha do dono de uma livraria, que lhe prometera o livro emprestado, mas que nunca o entregava.

Já no início do conto, Clarice expressa o seu sentimento pelas histórias e livros: “[...] possuía o que qualquer criança devorada de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria” (LISPECTOR, 1998, p. 9).

Mais adiante, Clarice reitera o seu fascínio pelos livros e pela obra de Lobato ao descrever: “Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o” (LISPECTOR, 1998, p. 10).

Em sua luta pelo acesso aos signos, Clarice nem se importava com as vicissitudes que a dono do almejado livro a impunha: “Na minha ânsia de ler, nem notava as humilhações a que ela me submetia [...]” (LISPECTOR, 1998, p. 9).

Após um tempo indefinido e longo, Clarice, protagonista exausta, porém incansável no embate pela cultura escrita, consegue finalmente ter acesso ao objeto ardentemente desejado por intermédio da mãe da menina: “Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo” (LISPECTOR, 1998, p. 12), descreveu Clarice.

Essa rápida incursão pela comovente e apaixonante memória de Clarice torna-se significativa para esta reflexão, pois demarca o afeto pelo livro, pela leitura e também

⁵Clarice Lispector publicou como crônica intitulada “Tortura e glória”, no *Jornal do Brasil* em 1967, o que mais tarde, em 1971, foi publicado como conto e o título alterado para “Felicidade Clandestina”, fazendo parte da coletânea do livro homônimo.

pela literatura infantil, cujo acesso à obra de Lobato representaria uma inesgotável fonte de sonho, fantasia, imaginação e prazer para a protagonista.

Para Clarice, a construção da sua felicidade estava no acesso as histórias dos personagens fantásticos do “Sítio do Pica-Pau Amarelo” e conseqüentemente na apropriação do universo folclórico e nacionalista de Monteiro Lobato.

A saga de Clarice reflete como primeiro requisito básico para o êxito de um mediador da leitura: o amor pela leitura e pelos livros. Ao narrar a sua história de menina protagonista que desejava e buscava incansavelmente o livro, Castro e Andrade (2013) observam em Clarice o ato de ler e a literatura em si mesma como algo desejado, fascinante e atraente. Desse modo, a obra de Clarice abre-se para o convite ao exercício à leitura, ao cultivo do amor pelos livros desde a infância; representando também a oportunidade de acompanhar e sentir as emoções vividas pela protagonista que, desde cedo, mostra-se chamada à leitura e à escrita (CASTRO; ANDRADE, 2013).

Nesse aspecto, Lázaro (2009, p. 10) comenta que o processo de formação de mediadores da leitura pressupõe educadores enquanto sujeitos leitores, afirmando que “somente um leitor efetivo, entusiasmado e convicto pode assumir o grande desafio de formar outros leitores emancipados, críticos, sensíveis [...]”.

No tocante à literatura, LaPierre (2020) articula que um bom mediador deve entender a importância da leitura por diversão e ter um amplo conhecimento da literatura. O mediador precisa compreender a importância da leitura por prazer, por divertimento, adicionando regularmente novos títulos literários ao seu repertório individual.

Martins e Picosque (2012) mencionam os educadores como andarilhos na cultura. Assim como a protagonista Clarice – ávida no acesso à palavra escrita – os bibliotecários mediadores podem se lançar como viajantes culturais em expedições literárias, em incursões artísticas e territórios onde o grande número de sujeitos no Brasil carece de cultura, de leitura e de escrita.

Na mediação artística com a palavra escrita, o contato com as histórias pressupõe invenção, brincadeira, fantasia, ritmo e harmonia. Entretanto não existem regras fixas para a sua mediação, implicando-se mencionar que a realização das histórias pode compreender diferentes estilos de performance.

Ao considerar não existir regras fixas no modo de produção da arte, o mediador pode desvendar infinitas combinatórias num jogo com a linguagem. “Articulando os

elementos que já fazem parte de seu repertório pessoal de uso do código às novas descobertas de sua pesquisa, o artista produz sua própria linguagem, na própria linguagem da arte” (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p. 45).

Mediar histórias é uma arte comunicativa onde a expressividade da palavra do contador apoia-se em elementos rítmicos presentes na narração: uma combinação entre voz e silêncio, cadenciados pela respiração e ritmo. O receptor, imbuído pela experiência estética, interpreta a obra considerando seus estímulos externos e conteúdo internos, em busca da construção de subjetividades.

O desenvolvimento do narrador de histórias, urbano e contemporâneo, aproxima-se do contador tradicional dos tempos ancestrais, pois no percurso criador em torno da palavra oral, o narrador tem a oportunidade de reativar em si mesmo a experiência remota da arte de contar histórias. Ao mediar uma história, mesmo tendo a leitura e a escrita como fonte principal de constituição de repertório e como base para estruturar o pensamento, o contador urbano liberta-se do texto escrito e torna-se livre para criar, como fazia os contadores tradicionais.

Considera-se desse modo o ofício de contar histórias uma arte. Entretanto, dessa premissa podem emergir as seguintes indagações: como expressão artística é possível aprendê-la? sendo o acesso às histórias feito pela leitura, transformar o texto escrito em performance artística exige outros tipos de aprendizagens? para ser um contador de histórias é preciso ter nascido com o dom da narração? é plausível que os bibliotecários em geral aprendam a contar histórias?

No intuito de responder essas questões, buscou-se em Rocha (2010, p. 143) que “hoje, ao se apontar para a possibilidade de aprender e ensinar arte, está se reconhecendo a arte como área do conhecimento humano e não somente da expressão humana”. Desse modo, entender a arte como conhecimento, implica perceber a possibilidade de seu ensino e também de sua aprendizagem.

Torna-se cabível então dizer que todo aquele que desejar, pode aprender a mediar histórias, pois pode reconstruir em si próprio um saber, que está no mundo a partir da assimilação, da compreensão, da elaboração e da transformação que se opera dentro de si, por intermédio da apropriação e interação reflexiva.

O fazer artístico do contador de histórias decorre de um processo de aprendizagem em que, ainda segundo Rocha (2010), técnicas, habilidades, competências e recursos estão em constante aprimoramento e se articulam para dar forma a uma ideia, que se

expressa por meio de uma produção artística oral.

Coelho (2009) argumenta que o sucesso da narrativa depende de vários fatores que se interligam, sendo necessário a elaboração de um plano, um roteiro para organizar a performance do narrador, garantindo-lhe segurança e assegurando naturalidade.

A elaboração do roteiro consiste em etapas, como por exemplo: a escolha da história; a faixa etária do receptor; as músicas que irão complementar a narrativa, as formas de apresentação das histórias, a duração da narrativa e a conversa ou atividades depois da história. Os vários indicadores que orientam na seleção da história destacam-se, segundo Coelho (2009), sobre o conhecimento dos interesses predominantes em cada faixa etária.

A “arte de contar histórias”, a “hora do conto”, a “contação de histórias”, a “hora da história”, “reconto” ou “mediação de histórias”, seja em qual terminologia for utilizada, pode ser desenvolvida em bibliotecas públicas e escolares a partir da simples narrativa, com o uso do livro (aproveitando as ilustrações), gravuras, ou com o auxílio do flanelógrafo, desenhos, interferências do narrador e dos ouvintes, dramatização, teatro de bonecos e teatro de sombras.

Ainda, Coelho (2009) profere que a simples narrativa é o mais antigo e fascinante modo de contar história, pois o narrador só precisa do recurso da voz e da expressão corporal.

A realização da história pode, então, acontecer de diversas formas com o uso de diversos recursos e técnicas, sendo a diversificação primordial a fim de enriquecer a atividade e cativar os futuros leitores.

Das narrativas a literatura infantil, objetiva-se que os bibliotecários possam adquirir conhecimentos científicos (teorias da leitura), técnicos (ferramentas) e didáticos (pedagogias culturais) para atuarem como mediadores de histórias orais e de livros, auxiliando assim junto às escolas, na formação de sujeitos críticos, atuantes e participativos culturalmente.

Entretanto, de acordo com Bortolin e Burghi (2014, p. 213), ainda existe pouco envolvimento dos bibliotecários com as mais diversas narrativas. Como hipótese, as autoras destacam que a rotina das bibliotecas, especialmente as escolares, exige uma atuação dos bibliotecários nos serviços administrativos e técnicos, ficando a cargo dos professores a disseminação da literatura.

É relevante mencionar que as mediações orais com o público infantil revertem-se

em modos de interação, com participação na cultura, apropriação das tradições populares, acesso a literatura, além do desenvolvimento de competências nas práticas de leitura e escrita, tão fundamentais para a formação cidadã na atualidade.

Cunha (2003) atesta que o bibliotecário é um profissional essencialmente social, cuja profissão é de mediação e de contato, de fazer com o outro, de fazer para o outro. Do ponto de vista do público, Freitas (1997) dialoga que os frequentadores de uma biblioteca procuram não apenas informações e lazer, mas o convívio social, o encontro.

Nesse aspecto, o bibliotecário é um mediador cultural, cujas ações podem reverter em transformação social através da inserção do público infantil no universo cultural da leitura e da escrita, realizando aproximações, interações e encontros.

O papel social do bibliotecário em relação as mediações orais com o público infantil estão em colaborar para a formação do cidadão crítico e criador, fornecendo-lhes a base para o seu protagonismo cultural na sociedade.

5 MEDIAÇÕES, SERVIÇOS DE EXTENSÃO E PANDEMIA

Williams (2007) esclarece que um dos usos mais antigos do termo mediação carrega o sentido de intervir entre adversários, com o forte propósito de reconciliá-los. Nessa perspectiva, a biblioteca não é exceção, pois a atuação dos mediadores se faz imprescindível quando existe a necessidade de aproximar dois opostos: o público e as práticas culturais como a leitura e escrita.

Muitas crianças não possuem o privilégio de serem mediadas culturalmente (linguagens diversas, artes e literatura) desde cedo pela família, escolas ou por demais instituições, somando-se um número expressivo de excluídos no universo social, cultural e linguístico no Brasil. Como resultado desse panorama, Bartoni-Ricardo et. al. (2012) percebem que, ao concluírem o ensino médio, os estudantes ainda apresentam sérias dificuldades de leitura e de produção escrita.

Outros fatores sobrepõem-se a exclusão sociocultural como é o caso de pessoas que moram em zonas rurais ou em bairros periféricos, distantes dos centros urbanos e conseqüentemente dos equipamentos de cultura e informação.

Nesse aspecto, pessoas em risco de pobreza e sem acesso às informações não possuem oportunidades e recursos necessários para participarem plenamente das esferas econômicas, sociais e culturais – como demonstrado pela crônica de Clarice

Lispector em Felicidade Clandestina –, permanecendo excluídas e tendo seus direitos privados como cidadãos.

Nessa tônica, cabem as bibliotecas a missão de interferir nessas comunidades, ultrapassando seus espaços e paredes, agindo nos panoramas de imposição e exclusão que o desigual sistema brasileiro provoca.

Através das ações mediadoras nos serviços de extensão, as bibliotecas podem atender as necessidades informacionais e culturais das crianças, ultrapassando seus limites físicos e ampliando o seu alcance para aqueles que não a frequentam ou que, de alguma forma, são impedidos de frequentá-las.

Retrospectivamente, foi na atuação de Mário de Andrade no Departamento de Cultura de São Paulo em 1935 que se desenvolveu o primeiro serviço de extensão no Brasil, especificamente na cidade de São Paulo, incluindo diversas atividades culturais, artísticas e serviços como o carro-biblioteca e a caixa-estante com o propósito de se levar cultura e leitura a bairros distantes para todas as faixas etárias (RASTELI; CALDAS, 2018).

Em sintonia com o poder público, universidades, bibliotecas públicas, escolares e comunitárias podem realizar serviços de extensão com as comunidades arrabaldes e rurais, destacando-se, nesse caso, o exemplo do serviço de biblioteca móvel *Bibliobus Mèdiathèque*⁶ (biblioteca de mídia móvel pública itinerante).

O serviço de extensão *Bibliobus Mèdiathèque* pode ser encontrado em diversos países da Europa, como Espanha e França, e demais países francófonos, a exemplo do *Bibliobus Mèdiathèque* da *l'Université Populaire Jurassienne*, em *Delémont*, cidade Suíça, situado na capital da República e Cantão do Jura.

Criado em 1977, o *Bibliobus Mèdiathèque* da *l'Université Populaire Jurassienne*, em *Delémont*, tem levado cultura e informações para as vilas distantes, a exemplo dos empréstimos que ultrapassam mais de 6 milhões de livros, cujos veículos, desde então, já percorreram mais de um milhão de quilômetros nas estradas da região do *Jura* e do *Bernese Jura* (Alpes Suíços), contabilizando-se mais de 28.000 pessoas utilitárias de seus serviços.

O *Bibliobus Mèdiathèque* tem como missão promover o acesso à cultura, informação e leitura, oferecendo um acervo variado e atualizado, colaborando também

⁶ Bibliobus: disponível em: <https://www.bibliobus.ch/fr/A-propos/Le-Bibliobus.html>.

com outras instituições culturais, sendo reconhecido como de utilidade pública e subsidiado por prefeituras locais.

Imagem 2 – Bibliobus Mèdiathèque da l'Université Populaire Jurassienne



Fonte: l'Université Populaire Jurassienne.

Descrição da imagem: Ônibus-biblioteca estacionado no campo, tendo ao fundo a fauna (vacas e bois) e a flora (pinheiros) local.

O *Bibliobus Mèdiathèque* oferece diversos materiais bibliográficos impressos e digitais, entre livros, revistas, CDs de música, *e-books*, DVDs, livros com caracteres grandes, livros para leitores disléxicos, áudio livros, materiais em diferentes idiomas, obras de referência e bibliografias.

Além do serviço itinerante pelos povoados e montanhas, o *Bibliobus Mèdiathèque* visita escolas, creches, realiza a hora do conto, promove vendas de livros, proporciona jogos e artesanatos, além de participar de eventos e de doações de caixas com livros infantis para famílias com recém-nascidos.

A biblioteca móvel de mídia possui um catálogo especializado destinado ao público infantil contendo diversos materiais bibliográficos e de multimídia. Além disso, o *Bibliobus Mèdiathèque* participa de projetos voltados ao público infantil como o “Nascido para ler”⁷, cujo objetivo está em apoiar o desenvolvimento linguístico de crianças nascidas na Suíça, dando-lhes acesso ao mundo dos livros e da leitura. Para atingir esse objetivo, é distribuído gratuitamente nas bibliotecas, creches e associações participantes

⁷ Projeto “Nascidos para ler”. Disponível em: <https://www.bibliobus.ch/fr/Collections/Albums-pour-enfants.html>

do projetouma caixa de livros contendo materiais de capa dura de qualidade para que bebês e crianças possam manuseá-los sem danificá-los.

De acordo com o *site* do projeto “Nascido para ler”⁸, estudos mostram que crianças menores de 5 anos já possuem curiosidades pelos livros e histórias e ao ingressarem na escola, podem surgir dificuldades relacionadas à aprendizagem da leitura. Portanto, é fundamental oferecer às crianças, desde cedo, um despertar para os livros, promovendo-se o acesso ao universo linguístico e da cultura escrita. O projeto, “Nascido para ler”, apoia o desenvolvimento infantil de uma forma divertida, em conexão com momentos regulares de leitura compartilhados por prazer, incentivando os pais a se comunicarem com os filhos através de rimas, canções, imagens e histórias, explorando juntos o mundo da linguagem e da imaginação.

Em tempos de pandemia, por causa da Covid-19, o *Bibliobus Mèdiathèque* cancelou a sua missão itinerante, porém viabiliza o empréstimo de materiais bibliográficos oferecendo um serviço de entregas à domicílio, disponibilizando também em sua *home-page*⁹ uma seleção especial de materiais bibliográficos, cujo projeto é denominado de “*Des histoires qui font du bien*” (Histórias que fazem bem).

Esse projeto tem como objetivo mediar obras (livros, filmes e quadrinhos) com conteúdos positivos e otimistas da vida, sugerindo-se gêneros literários como humor e espiritualidade, auxiliando as pessoas a encontrar caminhos para seguir em frente, recuperando a coragem e adaptando-se a situações difíceis.

O serviço de extensão através das bibliotecas móveis é uma possibilidade de se promover o acesso à leitura, no auxílio a formação de novos leitores, de mediar a literatura com enfoque na educação infantil e demais faixas etárias e, ainda, de se realizar ações concatenadas as demandas atuais, exemplificando-se o contexto atual pandêmico.

A missão do serviço de extensão *Bibliobus* é promover a leitura, o acesso à cultura e à informação para as populações das regiões que atende. Oferece um acervo variado e atualizado e colabora com outras instituições culturais na organização de eventos. O *Bibliobus* é uma biblioteca pública itinerante, vinculada a uma universidade popular e

⁸ Le projet Né pour lire. <https://www.nepourlire.ch/fr>

⁹ Projeto “Histórias que fazem bem”. *Des histoires qui font du bien*. Disponível em: <https://www.bibliobus.ch/fr/A-propos/Le-Bibliobus/Actualites/Des-histoires-qui-font-du-bien.html>

pública. O projeto é reconhecido como de utilidade pública, cultural, educacional e de lazer.

Ao promover o acesso a um grande público em mediações leitoras e no acesso à informação, o *Bibliobus* responde a possíveis problemas de mobilidade e atua no incentivo à leitura e na apropriação cultural representando um serviço social indispensável às comunidades.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por muito tempo a oralidade permaneceu como o principal meio de comunicação nas sociedades primitivas, ancestrais. As palavras tinham como função básica a gestão da memória social. Nesses tempos longínquos, a apropriação cultural fundava-se sobre a comunicação oral, de vital importância para as tradições populares e para a manutenção da cultura.

O ato de contar histórias remete, assim, a tempos longínquos, quando o homem podia confiar em suas memórias e lembranças. Através de suas experiências, resgatavam-se necessariamente insumos para o desenvolvimento humano e social.

Em muitas culturas, a memória da comunidade esteve também sob a responsabilidade dos contadores de histórias, dos cantores e outros tipos de arautos, que na prática faziam-se como autênticos portadores da memória da coletividade.

Na atualidade, a tradição oral, através das mediações de histórias pode constituir-se em estratégias de desenvolvimento cultural, suscitando-se e alertando-se sobre temas contemporâneos e urgentes, como as questões de gênero (sexuais, a mulher na sociedade e o machismo), de etnias (conflitos separatistas regionais, religiosos e étnicos), diversidades e identidades culturais e demais tipos de preconceitos e *bullying*, evocando-se a cultura de paz.

Entretanto, a experiência com a palavra oral vai além. Ao ouvir histórias, tem-se a possibilidade de se descobrir o gosto pela leitura e também pela escrita, estabelecendo-se vínculos afetivos. É o que afirma Leiria (2011) ao relatar a experiência de uma professora dizendo que o fato de ler ou contar histórias para as crianças todos os dias e de demonstrar o quanto é prazeroso realizar essa tarefa, fez com que despertasse em um de seus alunos o interesse em escrever histórias.

Diversos autores consagrados reconheceram a importância do papel que

exerceram contadores de histórias em suas infâncias como Gilberto Freyre, Jorge Amado, José Lins do Rego, entre outros escritores célebres (MAZIERO, 2018).

As mediações leitoras em bibliotecas com enfoque na educação infantil têm por objetivos auxiliar o processo de alfabetização, leitura e letramentos como demonstrado pelas ações mediadoras do projeto *Bibliobus Médiathèque* da *l'Université Populaire Jurassienne*.

As mediações de histórias podem ser realizadas de acordo com as necessidades e características socioculturais dos diferentes públicos. Em comunidades carentes, por exemplo, as histórias podem auxiliar no desenvolvimento de competências psicoafetivas, em função de se distanciar e alertar os jovens das possibilidades autodestruidoras, como o caso das drogas e da violência.

Ao considerar a contação de histórias como portadora de significados para a prática bibliotecária, observa-se que seu papel não se restringe somente ao entendimento da linguagem, mas reveste-se também de seu caráter literário, de sua função de despertar a imaginação e sentimentos, assim como suas possibilidades de transcender a palavra oral para outras linguagens.

A necessidade de se realizar ações mediadoras nos âmbitos das histórias, dos livros e da literatura reforça o compromisso social das bibliotecas e bibliotecários com a população, haja vista, de acordo com Lopes e Carvalho (2012), as dificuldades apresentadas pelos estudantes no que se refere às habilidades de leitura e de produção escrita.

Mediar cultura e leitura através das narrativas orais faz ampliar o contato e a interação do público infantil com as artes. Muitas marcas são deixadas pelos mediadores (pais, irmãos, tios, avós, primos, amigos, professores, artistas e bibliotecários) nos primeiros encontros e contatos com as histórias e os livros, alimentando e ampliando os repertórios culturais e deixando memórias afetivas.

As mediações leitoras, através dos serviços de extensão, podem viabilizar o contato com a cultura oral e escrita entre as comunidades distantes e carentes, fortalecendo ações que envolvem interações, socializações, fruições e desenvolvimento cultural.

Através do *Bibliobus Médiathèque* foi possível compreender que os serviços de extensão da biblioteca podem colaborar com ações voltadas às mediações leitoras, viabilizadas pela junção de poderes públicos, universidade e biblioteca pública.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2001.
- ABREU, Flávia Ferreira; DUMONT, Lígia Maria Moreira. Adolescentes e mediação da leitura em biblioteca escolar. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 388-402, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/102875/59066>. Acesso em 3 fev. 2021.
- ARAÚJO, Ana Nery Barbosa de. **A narrativa oral literária na educação infantil**: quem conta um conto aumenta um ponto. 201 f. 2009. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Educação. Recife, 2009.
- BAJARD, Élie. **Da escuta de textos à leitura**. São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção questões da nossa época; v.133).
- ARROYO, Leonardo. **Literatura Infantil Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1988.
- BORTOLIN, Sueli.; BURGHI, Vera Jussara. A interação entre o bibliotecário e o leitor-ouvinte na contação de histórias. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 19, n. 3, p. 213-226, jan./dez. 2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/62476> Acesso em 2 fev. 2021.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. et al. (Orgs.). **Leitura e mediação pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012.
- CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.
- CAMILO, Everton da Silva; CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes. Formar crianças leitoras segundo bibliotecários escolares: uma análise de enunciações. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, p. 1-21, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/158412>. Acesso em: 17 maio 2021.
- CASTRO, Verônica Dias.; ANDRADE, Maria das Graças. A paixão pelo livro e pela leitura em “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector. **COLÓQUIO DE ESTUDOS EM NARRATIVA (CENA), Anais...** v. 1, n. 1, p. 308 – 314, Uberlândia: EDUFU, 2013.
- CECCANTINI, João Luís. Leitores iniciantes e comportamento perene de leitura. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho; ROSING, Tânia M. K (Orgs.). **Mediação da leitura**: discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009.
- COELHO, Bethy. **Contar histórias**: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 2009.
- FREITAS, Sonia Marli Barbosa. Os serviços de extensão das bibliotecas como apoio ao processo educativo das comunidades. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 9, p. 139-147, 1997. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/24150>. Acesso em: 23 nov. 2021.
- IFLA/UNESCO. **Manifesto da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas 1994**. 1994. Disponível em: <http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>. Acesso em: 23 abr. 2021.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: IPL, 2020. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/>. Acesso em: 19 de abr. 2021.
- LAPIERRE, France. **Médiation et plaisir de lecture**. Chroniques. Voie Livre: Le livre de jeunesse

aux frontières de tous les possibles – même à l'école. Disponível em: <https://www.voielivres.ch/mediation-et-plaisir-de-lecture/>. Acesso em: 27 jul. 2020.

LÁZARO, André. Prefácio. In: MARTINS, Mirian Celeste. Expedições instigantes. In: MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

LEIRIA, Livia Rodrigues Pinheiro. **Palavra, corpo e presença**: a arte do professor contador de histórias. 2011, 87 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2011. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251223>. Acesso em: 3 jul. 2020.

LOPES, Iveuta de Abreu; CARVALHO, Maria Avelina de. Experiências escolares para uma leitura eficaz. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. et al. (Orgs.). **Leitura e mediação pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MACIEL, Francisca Isabel Pereira. O PNBE e o Ceale: de como semear leituras. In: PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda B. (Orgs.). **Literatura Infantil**: políticas e concepções. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

MARTINS, Mirian Celeste. Expedições instigantes. In: MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria. Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte**: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

MAZIERO, Maria das Dores Soares. Das contadoras de histórias ao escritor de livros para a infância: narrativas de tradição oral na literatura para crianças brasileiras na Primeira República. **Revista Devir Educação**, Lavras, v. 2, n. 1, p.68-82, jan./jun., 2018. Disponível em: <http://devireducacao.ded.ufla.br/index.php/DEVIR/article/view/61/58>. Acesso em: 17 abr. 2021.

MEIRELES, Cecilia. **Problemas da literatura infantil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MONTEIRO, Maria Iolanda. **Alfabetização e letramento na fase inicial da escolarização**. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

PICCOLI, Luciana; DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost. Práticas de leitura, gêneros e suportes textuais do contexto familiar na perspectiva de crianças em classe de alfabetização. **Educação em Revista**, Dossiê Alfabetização e Letramento no Campo Educacional, Belo Horizonte, v. 36, p. 1 – 41, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-46982020000100706&lng=pt&nrm=iso&tlng=en. Acesso em: 18 abr. 2021.

RASTELI, Alessandro; CALDAS, Rosângela Formentini. Atividades culturais em bibliotecas e políticas públicas: plano de cultura para a leitura e artes. In: VII SEMINÁRIO HISPANO-BRASILEIRO DE PESQUISA EM INFORMAÇÃO, DOCUMENTAÇÃO E SOCIEDADE, (7), 2018, Madri. **Anais...** Madri: Universidade Complutense de Madri, 2018, p. 1 – 16.

RASTELI, Alessandro. **Mediação da leitura em bibliotecas públicas**. 2013. 170 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós-graduação em Ciência da

Informação. Marília, 2013. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/rasteli_a_me_mar.pdf. Acesso em: 12 jan. 2021.

ROCHA, Vivian Munhoz. **Aprender pela arte a arte de narrar**: educação estética e artística na formação de contadores de histórias. 2010. 343 f. Tese (Doutorado em Artes). Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-04112010-150404/pt-br.php>. Acesso em: 02 abr. 2021.

ROJAS GONZÁLEZ, Carlos Alberto; ROJAS PLASENCIA, Daniel Agustín; MARCÉ QUIÁN, Regla Alicia. Estrategia para el desarrollo de habilidades ortográficas en los estudiantes de la carrera Licenciatura en Educación Primaria. **Mendive, Revista de Educación**, Pinar del Río, v. 17, n. 1, p. 97-108, 2019. Disponível em: http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1815-76962019000100097&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 27 jun. 2021.

SMOLKA, Ana Luiza B.; GÓES, Maria Cecília Rafael de. **A linguagem e o outro no espaço escolar**: Vygotsky e a construção do conhecimento. Campinas: Papirus, 1997.

VYGOTSKY, Levi Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WARNER, Marina. **Da fera à loira – sobre contos de fadas e seus narradores**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**: a literatura medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Recebido em: 19 de maio de 2021 Aprovado em: 20 de dezembro de 2021 Publicado em: 21 de dezembro de 2021
--